



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XV — N.º 387 — Preço 1\$00
10 DE JANEIRO DE 1959

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Facetas de uma Vida

A solicitude do Senhor Cônego Eurico Nogueira proporcionou-nos, durante largos meses, saborosos e inéditos encontros com o Seminarista Américo de Aguiar, através dos seus escritos em «Lume Novo». Saborosa e reveladora descoberta de uma personalidade multifacetada, que um sacerdócio plenamente vivido na sua essência de paternidade havia de evidenciar quando soasse a hora.

O enamorado de Deus; de Cristo no Pobre; da beleza; da sacralidade das coisas simples; da sinceridade; da alegria sem malícia — já se adivinha naqueles artigos despreziosamente formativos, que ele escrevia pensando nos seus jovens e inexperientes companheiros na subida ao Sacerdócio do Mestre. Ele mesmo afirma na abertura de «Lume Novo»: O escritor não diz só o que escreve; diz também o que é. E ele disse.

Se esta epígrafe não fôra somente uma colecção de apontamentos ou de retratos parciais, em ordem à oportuna, séria e amadurecida confecção de uma biografia intencionalmente objectiva (quero dizer: honestamente histórica) e nada mais — nós tínhamos nestes escritos do Seminarista Américo de Aguiar muita matéria para reflexão.

Assim..., a partir de hoje, vamos dar lugar a outros testemunhos de contemporâneos no Seminário de Coimbra, já que, praticamente, se esgotaram as fontes de informação sobre a infância e a adolescência e sobre o tempo passado entre os franciscanos; e enquanto não chegam algumas prometidas recordações dos companheiros de África.

Não nos preocupa muito — conforme à intenção desta rubrica — a ordenação cronológica ou sistemática dos episódios que vão ser relatados. Temos porém a felicidade de poder começar pelo princípio: a entrada no Seminário, segundo no-la descreve o Rev.mo Padre Euclides de Oliveira Moraes.

x x x

Estava eu na Prefeitura da 2.ª, dedicada a S. António de Lisboa, quando, certo dia do princípio de Novembro, o Sr. Bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva me aparece à porta do quarto com um Senhor bem posto, dizendo: «Aqui tem o Sr. Américo de Aguiar. Vem frequentar o Seminário e para a sua Prefeitura; mas fica ali num dos quartos da 1.ª. Quando se dirigir a si é preciso atendê-lo».

E voltando-se para ele: «Este é o seu Prefeito. Quando necessitar de alguma coisa vem aqui pedir licenças».

Deu-me o Anel a beijar e a ele — e deixou-nos sós.

Era de poucas palavras o Sr. Bispo. Ninguém o estranhava; nem à firmeza e energia com que as dizia. O Américo também não, que eram quase conterrâneos e conhecidos, pelo menos de vista, da cidade do Porto.

Acompanhei o Américo ao seu quarto que era na fachada poente (n.º 14 ou 16?), tendo de atravessar o coro da Igreja afim de passar de uma para a outra Prefeitura. Demos com o Cônego Dr. Liberato do Nascimento Tomé, professor do Seminário de Coimbra embora natural de Lamego, ao chegar ao corredor da 1.ª Prefeitura. Ele logo quis saber quem era e o que fazia o Américo, mas este guardou silêncio e fui eu que dei o recado. Logo o Dr. Liberato mete con-

versa em inglês. O Américo com a maior das naturalidades foi respondendo. Passado tempo, me

dizia o Dr. Liberato: «o nosso homem sabe da poda!»

Mais tarde o Sr. D. Manuel Coelho da Silva chamou-me e confidenciou: «Veio dos Rev.os Padres Franciscanos, por tendências para coisas místicas, o que pouco se coadunava com o teor da vida deles. Isto para seu governo!» (É a primeira vez que esta confidência sai da minha boca e já lá vão cerca de 35 anos!)

Por algum tempo andei a aprender inglês com ele. Bom mestre, muito paciente comigo e sempre bem disposto, apesar dos meus esquecimentos. Depois desisti, que o meu serviço era na Secretaria Episcopal, nem sempre podia estar às horas marcadas e ele perdia tempo.

Mais tarde, quando me encontrava, repetia invariavelmente estas palavras naquela voz descansada e meia presa que todos lhe conhecemos: «O meu Prefeito! Quando o Sr. D. Manuel Luís Coelho da Silva me foi apresentar a ele, olhei-o de alto a baixo e disse para comigo: — Até nisto Deus me quer humilhar! O meu chefe era um escosês, alto e forte, de barbas bem tratadas... E agora é um padre baixito, franzino, de tez morena!»

Repetiu-me a última vez no mês de Setembro antes de morrer, quando me foi visitar e às Senhoras da Quinta de Coura em Paredes do Douro, onde eu estava passando as minhas férias.

SS. Nome de Jesus

«Nada se canta mais suave; nada se ouve mais melodioso; nada se pensa mais doce — do que Jesus, Filho de Deus». (Da liturgia)

É só por isto que o mundo canta tão suavemente a Obra da Rua; e A ouve com sinais de tanta satisfação; e ao pensar n'Elá, repousa tão docemente — é só porque Ela é um eco do SS.mo Nome de Jesus.

Passou mais um aniversário: o décimo nono. Festejamo-lo na intimidade de Amigos provados nas horas decisivas. Tivemos a benção da presença do nosso Bispo. Tudo simples...!, ao sabor de Pai Américo. Depois do SS.mo Nome de Jesus, pelo Qual a Obra é o que é, foi ele, Pai Américo, o mais lembrado de todos os presentes.



Era pouco depois do meio dia. Gosto desta hora para visitar os pobres. Ouvir e ver. Olhar para a mesa e perguntar o que comeram. No estômago um caldinho quente. Pai Américo gostava de levar consigo um ou mais rapazes disponíveis do Lar, para darem graças a Deus por tudo o que agora têm e que não tinham. Éramos três. Horas antes recebera recado para passar pela R. da Banharia. Alguém precisava muito de nos falar. Que grandeza a nossa quando os pobres têm necessidade de nós. Os pobres precisam de nós e temos necessidade deles. «Eu não me canso de recomendar aos meus padres que, se ainda não têm, peçam a Deus o jeito, a queda, o dom de visitar os pobres. Que tenham dor, que sejam por eles. Que jamais os troquem por outras riquezas, que eles, os Pobres, são a verdadeira riqueza da nossa obra». Assim é. Batemos e não estava. Descendo e conversando, entrámos na R. dos Mercadores. Sentado na cadeira, no rosto o sinal da doença, um tuberculoso estende a mão a quem passa. Desta vez, fomos direitinhos ao coração. Recordam-se dos colchões nus e esfarrapados? Fui encontrá-los no mesmo estado. Fenti frio. Mais frio ainda quando, na mesa, nem migalhas de pão. Eu com o estômago aquecido pelo caldinho quente! E tu? Quanto te sentas à mesa farta, onde nada falta, a sopa quente e reconfortante, pensas nas mesas varridas, nuas, dos teus irmãos do Barredo? Ali, junto de mim, uma pequena dos seus 10 anos, cabelos desganhados, prenúncio de fome, contava-me a história que meus ouvidos escutaram mais que uma vez. É que os pobres não têm por indelicadeza repetir a mesma coisa. Indelicadeza, sim, de quem pode ajudá-los a resolver os seus problemas e não o faz. Três horas da tarde. Sem nada no estômago. Ela e mais três irmãos. «Minha mãe foi aos recados, e ainda não chegou. Se ela trouxer alguma coisa, comemos, senão...» Uma vizinha é testemunha deste diálogo. Confirma-o: «quantas e quantas vezes, ao vê-los na rua, sem ter que comer, lhes dou um bocadinho do meu pão». Quanto pagam de renda? Ouvimos a resposta. Não a digo. Envergonho-me. É uma quantia assustadora. «E se não damos o dinheiro no dia determinado, o senhorio ameaça-nos», segreda baixinho aos nos-

os ouvidos. Calámo-nos. Que podemos nós fazer senão gritar por esses pobres indefesos, contra a injustiça de que são vítimas. E se visses o quarto? Arrepiavas-te. Pois ali, em duas camas velhas, tortas, dormem avó, filha, netos e mais alguém que não sei se será pai. Aquele dinheiro que tens mandado para pagar a renda de casa de um pobre do Barredo, vai direitinho para ali. E se tomasses conta deste caso e ao menos, uma vez por mês, levasse lá um pouco do teu carinho? «Passamos tanto frio. Não temos roupa de cama». Não há prova mais clara que a nudez de tudo o que nos cerca.

Antevéspera de Natal. Sonhava ver, junto de cada lareira o saco das batatas, maiz-las tronchudas e o saboroso bacalhau. Ali, a mesa varrida. Que desolação!

Continuamos. Um jovem casal, com 5 filhos, o pai desempregado, a mãe carrejona, chamamos. Puxa-nos. Deixamo-nos ir. Subimos. Há luz. Há uma sala

— Continua na 3.ª página

BELÉM

«Uma casa de família para as sem família».

Quisera contar aqui algo do que se passou em volta do nosso «Presépio», mas acho preferível, por hoje, dar a palavra a tantos e tantos que acorreram à «Gruta» — a ajeitar as palhinhas, a agasalhar, a matar a fome às quatro pequenitas que ali vieram acolher-se, em vez de Jesus Menino.

«Enfim que se lembraram das raparigas! Compreendo que o problema é muito mais difícil, mas toda a gente, decerto, concordará que não é menos urgente nem menos necessário do que o dos rapazes. Penso que bem pelo contrário. Por hoje um pequeno óbulo — 150 escudos, de F. A.». Mais 20 escudos numa Senhora católica do Porto, muito escandalizada, tanto com o que escrevi como com o que não escrevi. Minha Senhora, com um pouquinho mais de reflexão, não será possível encontrar para as minhas palavras uma interpretação menos injusta? Mais 20 e um vestido numa Senhora de Lisboa. Te-

— Continua na 3.ª página

Da que nós necessitamos

Não é sem estremecimento que começamos esta coluna. A resposta que Deus dá a quem tudo coloca em Suas mãos providentes de Pai! É bem a colheita feliz daquela sementeira em lágrimas que foi o despojamento de Pai Américo a respeito de tudo, absolutamente tudo, para se vestir somente da Cruz, que é a roupa bastante de quem só segue o Mestre!

Mês do Natal! No principio dele sai a notícia de Belém. Ninguém sabia! Poderíamos ter vindo de mais longe a anunciá-la... Pois é ver, meus senhores, a lista das presenças àquela Obra! Olhos avisados por prudência humana, teriam visto nela uma concorrente... Qual quê?! Se é a Justiça que as determina e o desejo do alargamento do Reino de Deus — onde a possibilidade de colisão? A dita prudência humana é um nome bonito para dizer falta de Fé.

Por isso mesmo é que não venço a emoção ao pegar no gordo maço das lembranças que Deus desperta nos vossos corações, leitores. Estremeço porque vejo a Dens em todos estes testemunhos do vosso amor. Estremeço, por não me sentir digno de uma tal revelação; nem encontrar em mim Fé à altura da Fé devida por tanta misericórdia. Vou tentar acender aqui, à vista de todos, o rasto luminoso que fica do desfile de tantos corações em brasa.

«Em cumprimento duma promessa, o meu primeiro ordenado»: 2.150\$50. Em *negócio* tão sério, nem falta a minúcia daqueles 50 centavos!

Os habituais fardos de bacalhau para aqui e Lar do Porto que alguns armadores puseam nas mãos amigas do Presidente da Comissão Reguladora de Bacalhau. Senhor Engenheiro, desculpe a gente lembrar Beire, mas a Obra vai crescendo... e gosta de bacalhau!

Muitas promessas! Muitas graças recebidas! Muitos actos heróicos! Este, por exemplo:

«Apesar da importância ser menor, só Dens sabe quanto ela representa». É Angola, Vila Teixeira de Sousa, a legendar a remessa de 300\$. Açoreira apresenta-se e promete voltar.

«O 1.º abono do nosso segundo filho, 100\$ e 20\$ para o azeite do Santíssimo». Amor de Deus... amor do próximo... — Só o Amor é que salva!

Angola, Moçambique — ali é Portugal. A gente salta de uma à outra costa à velocidade da luz. É a Zaida, da Beira e é o Lobito a lembrar os nossos Pobres. É da Av. António Enes em Lourenço Marques à Vila Henrique de Carvalho. E tornamos a Moçambique: Tete, Karamachand Rugnath e Lourenço Marques, onde encontramos o Vergílio e a Maria Edith e a S. A. C. — Produtos L.da. Outro salto e é Newark, o Licínio. E, por Marco de Canavezes — Angola, regressamos a Lourenço Marques, ao encontro de «uma vicentina admiradora da Obra do Padre Américo» e de um professor de

saúde abalada... por muitos anos de África. Do Brasil, de uma grande amiga, um grande malão que eu abri gulosamente, e onde vinham lembranças pró Daniel, Júlio e Manuel Pinto. Malhas, de quem trabalha nelas e se vê e deseja com falta de trabalho.

Mais promessas. É a Berta de Lisboa. Suhimos a Torres Vedras e passamos ao Funchal: «Agradeço algumas orações por alma de meu filho morto num desastre». O papel e o estilo são conhecidos. Seringas e agulhas das Minas da Panasqueira. Cinquenta de um Avô de Lousã. Mil de um Professor, de Arcozelo. Cento e cinquenta de Bragança e desejos de que vençamos todos os obstáculos. Anadia a lembrar-se dos rebuçados dos «batatitas» com 20\$. Vila Nova de Poiares agradece uma graça com 500\$.

Muitas lembranças para o Barredo e para todos os nossos Pobres. É Lisboa. É «uma pecadora que confia na protecção do Bom Padre Américo». É a Eduarda, de Coimbra. É «uma rapariga tripeira». É Tomar, duma casa bancária. E outra vez Lisboa, «a Mãe que crê em Deus». E outra. E outra vez. E são 300\$ «ponpado durante estes tempos, com o pensamento nessa casa».

E 500\$ dum assinante de S. Paulo — Brasil. Mais «migalhas» de Angola, com várias assinaturas pagas e as desculpas «por não mandar ainda a minha circular com novos assinantes, mas se Deus quiser não ficará em branco». Mais 20\$ de Gaia: «Trata-se da primeira importância que recebi como salário». As primícias pertencem a Deus. Tantos e tantos que encontram Deus nesta Sua Obra, bendito o Seu Nome! Mais 2000\$ de «Marcas e Patentes» da Rua Sá da Bandeira. E um mundo de donativos em dinheiro, livros, roupas, figos, etc. no Depósito dos Clérigos, 54.

Cinquenta de «uma licenciada», «por uma graça obtida pelo inesquecível Padre Américo». Santarém, presente pelas mãos de um oftalmologista. Vêde o exemplo de *Mulher-forte*, que nos oferece esta Mãe: «Mandaram-me este dinheiro, para pôr flores na campa do meu filho. Aí vai ele para os seus Pobres, que são as melhores flores que posso oferecer a meu filho para comemorar o nascimento de Jesus Cristo».

Viseu ainda não figurava aqui, mas aí vêm agora de lá Geraldês e «uma senhora que pede a Deus a graça de ser ouvida». Mais 20\$, «podendo ser para comprar qualquer coisa para um gaiato de nome Mário». Po. de sim senhor. Mário Tito vai ser o feliz. E a Maria Camila; e a Alzira, de Nogueira; e a Mãe da Maria Armanda; e «uma doentinha» que «pede orações à alma de Pai Américo»; e a assinante 16.480 com o primeiro dinheiro ganho por sua filha como médica. «Uma vilarealense» com 150\$ e Vale da Figueira menos 50\$. Mais América do Norte (nome aveirense) com cheque de 10 dólares. Agora Pedrógão Grande e Moura e do Porto

E. D. M. e «uma admiradora» de Chaves. E de novo, S. Paulo — Brasil com 1.000\$ mandados através de uma senhora de Lisboa. E outra vez Porto — Rua Miraflores. Agora uma longa teoria de firmas: 1 caixa de vinho do Porto «Sant'Ana». Sociedade de Cristais. Grémio de Cartonagens e Correlativos. Mais vinho «Sousa Valente». E os componentes da Câmara dos Corretores. E a Sociedade de Rolamentos.

Finalmente, muitas encomendas com toda a sorte de objectos preciosos. Ele da Empresa de Calçado Fox, de S. João da Madeira. Ele 6 chales de Gaia. E rebuçados deliciosos de Alferarede, do Paulo Zé e do Luís Vasco. E flanela dos Armazéns Braga. E figos secos da «Avó dos netos». E sola da Fábrica Portuense. E Monte Estoril; e Tavira; e Gaia; e Mortágua; e Ilhavo — tudo com roupas usadas. E uma peça de pano cru, da Fiação e Tecidos de Fafe. Viva a terra do Padre Zé Maria! E mais vinho do Porto de um fornecedor da nossa Tipografia. E 30 camisolas da Textilarbor E 30 cobertores da Sotex, de Lonsada. E 2 peças de ganga da «Invencível». E uma peça de fazenda da Fábrica das Poldras, na Covilhã. E uma caixa com 5 dúzias de lindíssimas peúgas, da Fábrica Santa Luzia, de Guimarães. E do Porto, Maria, 500\$ entregues como desejava.

E aquele casal de todos os anos, que se levantou mais cedo do que nunca neste dia 1 de Janeiro, e vem assistir à nossa Missa e participar do nosso café para que seja Caridade o primeiro acto do Ano Novo.



TRIBUNA DE COIMBRA

Ia a sair a porta para assistir ao funeral de pessoa amiga quando a avistei ao cimo da calçada que dá para a nossa casa de Coimbra entre uma criada e uma enfermeira. Era a Senhora Paiva que vinha dos Hospitais. Mandaram-me embora para vir morrer *sôzinha à minha barraquinha e nem uma esmola me deram*, foi a sua queixa ao entrar a nossa porta.

Foi mais um golpe que me feriu e não saí sem indagar.

A Senhora Paiva, viúva de há muito, com uma filha na miséria, tem passado os seus últimos anos cheios de doença numa barraquinha de dois metros quadrados a meias com o vento. Enquanto pôde ia a casa de Senhoras amigas e davam-lhe alguma coisa. Nos últimos tempos tem vivido do amor dos vizinhos que a visitam.

Há tempos foi internada num sanatório, mas a sua doença não era de lá e teve de sair. Mais umas semanas no abandono da barraca e foi para os Hospitais; mas o seu mal não tinha cura e mandaram-na embora.

Nesse dia foi a reunião mensal dos Padres da Rua. Eu apresentei o caso da Senhora Paiva. No dia seguinte ao meio dia a pobre doente abandonada seguiu para Beire na nossa Morris, a juntar-se a outros doentes que já ali estão no Calvário.



SETUBAL

O nosso Natal foi familiar, aconchegado, quentinho, farto e alegre. Eu nunca assim tinha passado uma festa de família com tanta alegria interior e exterior. A comunicação espiritual dos rapazes entre si e comigo era algo de novo, de vivo, de sensível.

Era o aniversário do Nascimento de Cristo, a Quem eles e eu devemos tudo o que somos e possuímos. Sim, era o aniversário do Nascimento de Jesus. Mas não foi aquele acontecimento o que mais os dinamizou. O carinho de que se viram e têm sentido rodeados, por amor do mesmo Deus; isso sim que lhes entrou mais na alma e duma maneira mais forte os dominou.

O Natal trouxe-nos muitas ronpas e broinhas e bolos e participações em dinheiro para a consoadá.

As Senhoras da Casa de Trabalho, trabalharam um ano inteiro para os pobres e doentes! Eu bendigo a Deus não apenas pelo que foi dado a nós mas por tudo o que tem alegrado os meus irmãos Pobres por seu intermédio. O carro do Senhor Governador veio carregado para vestir e calçar, com uma camisola, um par de calças e sapatos que as Senhoras nos deram, todos os nossos gaiatos.

Também na nossa casa foi proibido o pé descalço durante estes meses de inverno. A lei foi decretada na véspera do Natal porque todos tínhamos sapatos

para a semana e pró domingo. Quem nos dera ver as Senhoras de sociedade a trabalhar em conjunto numa abnegação escondida sem esperar que ninguém conheça o seu trabalho generoso em atitude de quem reza. Haveria com certeza muito menos tristeza e mais pujante felicidade nos lares ricos como nos pobres?

Roupinhas fortes, boas, lindas mas proporcionadas. Sem exagero de luxo para ostentação de quem dá e confusão de quem recebe e sem desprezo de qualidade para inferiorização de todos.

Gostei. Costei mesmo muito, na rudeza do meu apreciar fruto do contacto com pobres e ricos. Ao pobre não se pode nem deve dar objectos luxuosos porque o confundem mas também não lhe atiremos com o mais fraco que o humilha e revolta. Se não podemos dar o bom ou em bom estado não demos nada. As Senhoras da Casa de Trabalho foram exemplares. Graças a Deus! A sua orientação é segura. A doutrina social neste ponto é moderna.

Os vendedores têm vindo carregados. Duma ourivesaria vieram cem; dum senhor que mandou uma caixa de moscatel, vinte. Para o «bolo-rei dos queridos gaiatos», cem; duma operária por alma dos pais, 20\$. Dum anónimo, cem; na Sapeirinha, 300\$; da Senhora Cabeleireira, 40+35; Conservas da Atlal, da Alonso Marques Neves, Fidalgo — Continua na 4.ª página

Vive-se melhor no alheamento da vida miserável dos outros. Mas não é esta a Doutrina Cristã. É tão doce este falso amor!

O verdadeiro amor é feito de renúncia. É compreender o Mistério do Natal. Escolher pais pobres e nascer longe da terra e num curral. Suportar a dureza do tempo e da hora.

É tão fácil amar a Deus quando tudo nos corre a jeito! Mas será este o amor que Deus quer de nós?

Estas três Senhoras são exemplo a seguir.

Acabo agora mesmo de chegar de Viseu, onde fomos levar as quatro pequenitas fundadoras de «Belém». Uma de Lisboa, outra de Braga e duas de Coimbra. A despedida delas foi a libertação do ambiente em que viviam. Nenhuma sabe do pai, nem da mãe. A viagem foi um cantar alegre. Quando me despedia perguntei-lhes quem era aquela Senhora que estava dentro da casa (a Senhora D. Inês); e a mais velha respondeu prontamente: *é a minha mãe*.

Aí temos mais uma casa de família para receber aquelas que a não têm: Mãe e filhas. A casa de Belém.

Padre Horácio

Visado pela
Comissão de Censura

BELÉM

«Uma casa de família para as sem família».

— Continuação da 1.ª página —

mos assim Lisboa e Porto quase «empatados», logo ao primeiro «passe». Mas espero firmemente uma longa «jogada» de «desempate», durante a quadra festiva do Natal e Ano Novo, tudo em honra e louvor do Deus Menino — Pobre de Belém. A Maria Teresa digo que espere resposta particular mas... «vá esperando activamente». 50 e roupas de uma lécista da Figueira, «ansiosa por ser das primeiras a chegar». Mais 50 de uma assinante da Marinha Grande que «fica pedindo ao Senhor se digne abençoar tão grande obra». Deus a ouça e a todos quantos por ela pedirem. Maria Emília, de Lisboa, envia 100 com promessa de mais, logo que possa. 30 duma anónima de Vila Nova de Gaia que «pede a Pai Américo interceda no Céu por Belém». 100 das Caldas da Rainha e 50 do Porto, sem palavras. Mais 20 duma que se diz pobre, mas envia um beijo para cada uma das pequenitas. Cá foi entregue «como se fosse dado ao Menino Jesus». Duma lisboeta 40, «com toda a simpatia, para a ceia do Natal, desejando-lhes coragem e protecção de Deus para vencerem em tão lindo e humano problema». Mais 50 da Mãe de um assinante de «O Gaiato», para o pão da noite de Natal «com grande mágoa por não poder ser mais». 100 de Amélia, de Lisboa, «fazendo ardentes votos para que Deus vos ajude na vossa Obra». Marias, associando-se com o melhor do coração à devoção de Belém, enviam 12 toalhas de rosto e 3 retalhos de tecido. 20 escudos de «triste portuense». A prática da caridade é fonte da alegria sobrenatural! Uma nota de quinhentos de alguém que a tinha guardada para qualquer coisa útil. «Uma admiradora da Santa Obra do Padre Américo, envia 300 para o Presépio Vivo». 20 duma Dulce, «para ajudar a ceia do Natal das suas pequenitas». De Maria Teresa, 70, em vale: «Agora mais do que nunca anseio pelo «Gaiato», para saber notícias de Belém. Pedirei a Deus que lhe mande colaboradores... O nosso bom Pai Américo não dorme!»

Alguém da Diocese do Porto envia 20 escudos e diz que «tem rezado sempre pela Obra a favor das raparigas, desde que Pai Américo lembrou essa necessidade no Gaiato e ficou possuída de grande alegria, logo que leu a primeira notícia sobre Belém». Nós cremos no dogma da Comunicação dos Santos. Continui, pois, a rezar por «Belém». Do Santuário de Fátima, envia um Sacerdote 50 escudos «para tornar mais alegre e confortar-te o Presépio Vivo, invocando para ele as bênçãos da Mãe do Céu». Senhor, pedimos-lhe continue a lembrar, aos pés da Senhora da Cova da Iria, as necessidades das suas filhas desamparadas. Mais 100 de «alguém que promete voltar todos os meses, se esta se não perder». Mais 20 «para a vossa Obra que é digna de louvor, agradecendo e retribuindo as Boas-Festas». «Para a

consoada, 20 e espiritualmente consigo na Noite Santa». De uma Maria, 20. De um Senhor de Longa, cinco metros de flanela «com grande amor e compreensão pela Obra que V. acaba de fundar». Uma Mãe envia peças de roupa da sua filha «para serem usadas por uma das meninas, na noite de Natal». Assim aconteceu e quem as vestiu foi a Deolinda, a mais velhinha. Duma Mademoiselle, 50 «desejando a Belém nm ano cheio das graças de Deus». «Com os melhores votos de um Natal feliz e alegre em N. Senhor», envia vinte escudos uma Conceição, de Coimbra. De Maria Alzira, de Vouzela 20 «e que Deus abençoe essa grande Obra que vai dar início». 20 de Maria Cecília, mais 20 de sua irmã e mais vinte de seu marido: «Sou uma grande admiradora de Padre Américo e da sua Obra, mas sempre tenho vivido com a grande pena de não haver nada no género para pequenas». Enviados por mão que parece ter calçado luva de borracha, chegaram pelo comboio 15 cobertores cor de rosa. A Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins ofereceu um lindo chale castanho. Boa ideia! As «Beléns» a fazer propaganda dos chales de Ordins... Quando tivermos dinheiro, encomendaremos mais. Duma Senhora de Coimbra, um cheque de mil escudos. De Neves, Beja, um vale de 100. De V. P., Lisboa, um vale de 1.500. De Paranhos, Porto, 50. Da Mãe de Maria Armanda, 70 «para a ajuda da consoada das pequenitas de Belém, pedindo a Deus e a Pai Américo para abençoar a Obra». De Pinhel, 20. Mais 30 sem remetente. Mais 40 de Lisboa, «por um negócio bem sucedido». De pessoa anónima e pelas intenções de suas filhas, 300. De «um pecador», 40 para «Belém» a «Nova Obra que vai nascer e que muito comoveu». Do correspondente da «Casa de N. Senhora da Espectação», 50 escudos para Belém. Mais 50 e «não quero deixar de marcar a minha presença no nascimento dessa bellissima Obra. Que N. Senhor a ajude a criar-se e a desenvolver-se muito depressa, que tão precisa é». Um que «foi dos da primeira hora, junto do grande P.e Américo» envia 50. Duma amiga da Covilhã e de sua mãe, 50, com estas palavras: «Foi com grande alegria que soube do nascimento da Obra que é uma urgência extraordinária. Os homens de boa vontade não-de responder. Agora a fé, a confiança e o amor são a garantia autêntica e única do futuro de «Belém». De Alandroal 20. De Carmeu, Beja, 2 lençóis, uma toalha, um naperon e um vale de 100: «Estou a ver as suas mocinhas reunidas em «Belém», rodeadas de amor, nesta noite de Natal». De S. Pedro do Sul, 50 escudos: «O dedo de Deus estará nesta Obra... Benditos sejam os vossos designios, Senhor!» De um Mestre de Obras, de Águeda, 300 escudos para que com estas migalhas seja repetido o milagre dos 5 pães e dos dois peixes». Roupinhas e

tecido do Alto Alentejo, Niza. Um lençol e duas toalhas, de Braga. Calças e meias da Retrozaria Selecta, Coimbra. Roupas usadas de Tomar. Roupas de Bonfim, Porto. Da Casa A. Silva, Porto, três chales pretos. Outra encomenda de toalhas de rosto, brancas. E é possível que alguma mais tenha passado sem o devido apontamento. Cartas e telegramas de pessoas conhecidas e desconhecidas, com palavra de estímulo e carinho. Entre elas, a de uma Jôcista do Porto, gravemente doente, que promete dar-se totalmente a Belém, se Nosso Senhor a curar. De Avanca chegaram 15 caminhas brancas, de ferro, com os respectivos colchões. Uma apaixonada pelo problema da rapariga da rua diz: «Lembrei-me que poderia pagar sempre a conta do pão. O pãozinho é sempre bom e saboroso! E deixe-as comer à vontade! Aguardarei todos os meses a continha».

A rematar tão magnífico cortejo de oferendas, no dia 25, ao meio dia, apareceu-nos aqui o Snr. Padre Carlos, a celebrar por Belém a terceira missa do Natal. Vinha acompanhado de três Gaiatos, com os presentes para o «Presépio»: 20 cobertores quentinhos, um bolo rei como a roda dum carro e mais um cestinho de lambarices.

Depois da Santa Missa almoçaram connosco, sentados nuns mochos de pinho: sopa, cozido à portuguesa, bolo-rei e rabanadas. As pequenitas fizeram as honras da mesa, com um apetite devorador.

«Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade».

Inês

Barredo

— Continuação da 1.ª página —

arejada e espaçosa. Há braços robustos e dispostos para o trabalho. Falta o pão. Com que delicadeza nos apresenta o seu tesouro, sua única riqueza — os cinco filhinhos. Foi um vai-vem contínuo a nossa estadia no coração do Barredo.

Agora é a peixeira de Ovar que pede a nossa presença. «Olhe, meu Padre, ali em frente, mora um que precisa. Vá lá». Para si não pede. É tuberculoso e espera a entrada no Sanatório providencial de Montalto. No rosto a alegria da visita. Não há um momento a perder. Mal transpomos os umbrais da porta, braços no ar — «não se esqueça do cêguinho; olhe que o meu bo-mem não tem trabalho e não há pão para os meus filhos; venha a minha casa, o dia de pagar a renda está próximo». E fomos. Era um mísero corredor. Duas camas por mobília. Por ornamento cinco flores que não sabem do pai. Embrulhada em trapos uma doente. E eis tudo. Pai Américo sonhara outro Barredo «com casas e armazéns de negócio ribeirinho. Fontes. Plantas. Mirantes. Jardins. Gente limpa e bem disposta. Onde se possa narrar com verdade de como foi e quanto o Porto não rejubilou com a demolição total daquela grande desgraça; daquela nossa desgraça. Ao ver as condições

— Continua na 4.ª página

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Começa o Ultramar!

«O Gaiato» que levava no coração a circular da Campanha vai lançando faúlhas nos Trópicos.

Luanda já respondeu, por avião. Envelopes listados e selos muito lindos. Selos que não escapam. Evaporam-se num abrir e fechar de olhos. Ainda agora eu estou para aqui a escrever e «Caracol» vê um daqueles envelopes. Ninguém o segura mais: «traz selos com peixes?» Não! Os do jornal adiantaram-se. E ficou triste.

Porque mais perto, Luanda segue na vanguarda. Falta o interior de Angola. E a costa oriental: Lourenço Marques, Beira, Nampula, Quelimane, Vila João Belo, etc. etc. Terras conhecidas e amigas e bem portuguesas, que não-de vir. Que não faltam. Demos tempo ao tempo. O barco demora quase um mês para lá e outro para cá. Certamente os mais apressados não esperam por ele. É Luanda quem no diz. Os mais apressados mal recolham assinaturas aí vêm por avião. É natural. A gente quando tem uma notícia boa para contar não descansa. E vá de arranjar o mais rápido meio de a comunicar.

Agora prestem atenção à carta de um Seminarista. Ela diz do fogo que arde nos Seminários:

«Quando por esse mundo fora tanta gente arde em labaredas, eu não podia ficar sem deixar um pouco de fumo, já que mais não fosse.

Aí vão essas quatro assinaturas. Assim, no meu ano, os finalistas, todos passam a ser assinantes do Famoso. Por agora vão essas. Vamos a ver se consigo arranjar mais lá na terra durante as férias.

Passei o mês de Agosto na Colónia de Férias da Ericeira e no Tojal. Só Deus sabe o bem que isso me fez. Além de tudo o mais, é pois uma dívida que tenho para com a Obra».

E outra vez atenção a mais esta: «Depois de ter lido este último jornal, o primeiro que recebi pois sou uma jovem assinante, senti necessidade e obrigação de colaborar na campanha das assinaturas. Junto envio três, são poucas, bem sei, mas muitos poucos fazem muito». Tínhamos razão para dizer que os novos assinantes haviam de trazer outros pela mão. Repararam naquele «senti necessidade e obrigação de colaborar»? Se já agora é assim, que fará lá mais para diante! Assim se conquista o mundo para Cristo.

E mais outra carta. Nós preferimos dizer pouco ou nada, para que os assinantes digam tudo. A Campanha é deles. Eles é que trabalham. Ora tenham a bondade: «A minha idade já não me permite firmar a vista para ler. Há já alguns anos que vai indo sempre para menos, por isso lembro-me de vos dar um nome de uma pessoa ainda de tenra idade, mas que já anda na escola, para me substituir, visto que, pela ordem natural das coisas, deve estar a aproximar-se o dia da minha grande viagem». Que delicadeza e que amor! E que serenidade!

Coimbra despertou mais um nadinha. Porto, nem se fala! Esta quinzena foi um desabar de assinaturas. Lisboa mantém o pé firme e não quer ver o Porto trepar. O Algarve parece estar a dar com a nossa porta. Vieram assinantes de Olhão, Faro e Tavira e outras terras algarvias. Assinalámos, também, e novamente!, a presença de Mourisca do Vouga e Campo Maior. São listas a abarrotar! Cá para cima, Régua e Vila Real começam a esfregar os olhos. Muito mais haveria que dizer, de muitas outras terras; porém, se fôssemos a enumerá-las todas fariamos daqui um mapa de Portugal.

Os encarregados da administração do jornal não têm feito horas extraordinárias, é certo. Mas as ordinárias aproveitam-nas bem. De tal maneira que não recordamos ter lido um protesto por falta de jornal a um novo assinante!

Vamos continuar a ler mais cartas. Esta é um modelo de persistência: «Junto uma nota de 9 assinantes que pude arranjar. A todos consultei e disseram que sim. Primeiro ainda esmoreci, porque alguns disseram que não; mas como apaixonado que sou desta grande Obra da Rua tornei a pegar nas circulares e teimeei e bati e tornei a bater e graças a Deus sempre arranjei 9. Não é nada; mas pode ser que se vá indo, devagar. É uma pena que em todos os lares não haja um Gaiato». Vejam que cuidado: «A todos consultei e disseram que sim». Isto é que interessa. E, verdade seja, os senhores têm andado na apurada: as nossas instruções são escutadas religiosamente. Vivam os colaboradores da Campanha!

Júlio Mendes

P. S. — Esta quinzena recolhemos 188 deles e já dobramos a casa dos mil. Chegou, há pouco, de Maceira-Liz, mais outra carta cheia de nomes. «Devem ser empregados do Cimento», diz Avelino. Concerteza. Maceira-Liz é a terra dele.

Chales de Ordins

É véspera da Imaculada Conceição. Já se saboreia a doçura do dia de amanhã. Aquela que estava predestinada para ser a Mãe de Deus não conheceu o pecado. Privilégio único na história, pois fora Ela «todos pecamos em Adão».

Vem-se solenizando na festa da Senhora da Conceição o «dia da Mãe». Quanto devemos àquela que, unida ao Poder de Deus, nos concebeu! Que saudades vão na alma daqueles que já não podem chamar: «minha Mãe»!

Mas a véspera duma tal festividade tornou-se-me, agora mesmo, dolorosa. Acabo de ser informado de que virão, breve, para Ordins bastantes crianças ilegítimas. Há pouco vieram dois irmãos. Fico à espera da torrente... Faltam leis em Portugal que acordem responsabilidades nas almas. Que acabem com os «órfãos» com pai e fortaleçam os laços familiares. Que ajudem o homem a ser livre e sequem tantas lágrimas nos rostos das mulheres desonradas e dos filhos revoltados contra o ilegítimo autor dos seus dias. Se há graves injustiças, mas remediáveis, porque não aparece o tal remédio?

O Hospício, com a porta sempre aberta para os ilegítimos, é convite franco à devassidão. A mulher sabe que quantos filhos tiver «sem pai», tantos poderá lá entregar. Acresce, ainda, que entregar significa abandonar, no que aparece mais uma imoralidade: o abandono do filho pela Mãe. Ora tudo isto é descrédito duma instituição de assistência, sustentada pelo Erário Público, que deve gastar rios de dinheiro. Não é obra de misericórdia abrir casas para os ilegítimos, se, antes, não procura o Estado morigerar os costumes, criando leis adequadas e executando-as. Não pratica obra de misericórdia aquele que assassina, propositalmente para dar sepultura...

A miséria material é caminho aberto para a miséria moral, pelo que as pobres mulheres desonradas olhavam sempre, com revolta, para as mães que estão a criar seus filhos. O dinheiro que estas recebem ficava melhor na mão daquelas. Respeitar-se-ia o direito natural, que obrigava a mãe a criar e a educar seu filho. Haveria mais um bocado de pão e conseqüentemente, seria menor a tentação de recair. O filho seria motivo de atracção e reflexão para a mãe e, quando crescido, poderia ampará-la e vigiá-la. E, se aquele dinheiro passasse pelas mãos do Pároco, teria esta ocasião de na entrega, dizer à pobre mulher uma palavra de salvação.

A vida humana transmite-a Deus pelo homem e pela mulher. A educação tem de ser feita também pelos dois. Ora a educação do ilegítimo tem de falhar, por não haver família bem constituída. Os pais ilegítimos são, pois, autores dum «crime contra a infância». Além disso tais progenitores, desonrando-se, são semeadores do escândalo, ofendem a moral pública. Nas prisões estão delinquentes por bem menos. Por que não se prendem os pais ilegítimos, só porque são ilegítimos?!

Lisboa, que mensalmente fazia a sua encomenda, escreve, ora, de bem longe: «estou em Luanda acompanhando meu marido. Calculo aqui estar alguns meses mas não me esquecerei das minhas encomendas». Quanto amor por Ordins nestas poucas palavras! Quem mais aparece, ajudando-nos, mensalmente, com seu chale encomendado? À volta de cada um de nós, há tantos pobres!

De Lisboa muitos pedidos. Um ror de terras acotovelam-se à roda de Ordins, pelos seus chales. Alfândega da Fé e Mafamude («os que para aí já mandei pedir, agradaram imenso»), Torres Novas e Macieira de Sarnes, Figueiró dos Vinhos e Aveiro («Mais um neto e mais um chalinho»).

Até a Vila Mariano Machado (Angola) aqui segue com este recado de amor: «é para o meu primeiro netinho». Já se vê que é uma Avó. Quere muito ao seu netinho. É o primeiro. Por tudo, vem a Ordins aos chales.

Dos E. U. A., Maria e Francisco vão com 20 dólares. Lembra-se duma criança pobre da Murtosa. Agasalham-na com um chale. Ajudam as tecedeiras... e o resto é para a Casa das ditas. São os primeiros dólares. Marcam o início da obra de carpinteiro. O Senhor traga mais.

Ferreira do Zêzere ferve de entusiasmo. Quere ajudar-nos. Do Porto alguns pedidos, por meio do Lar do Porto e do Espelho da Moda. S. Martinho da Cortiça liquida dois e só quere um: «peço também o favor de darem a uma das vossas pobres mais velhinhas e mais necessitadas, agora pelo Natal, um chale dos maiores». Oh quanta alegria esta oferta ocasionou à tecedeira anciã, que deve andar pelos 80!

Chaves diz: «fiquei muito satisfeita e é inteiramente a meu gosto mesmo na cor». Alcobaça e Sangalhos, Espinho, Viseu e Águeda, Castelo Branco e Tomar, Coimbra e Mosteiró («não desanime e prossiga que a seu tempo as coisas aparecerão») aqui seguem, com suas encomendas e palavras de ânimo, que tudo é preciso.

Da Beira (Moçambique), uma vez mais, a delicadeza de 100\$, para darmos um chalinho a quem quisermos. Desta vez, foi parar a Belém — Viseu. Para a Casa das Tecedeiras, 130+50, por meio do Sr. Padre Carlos.

A Gondomar e a quem nos ler se avisa que também já fazemos echarpes de lã. Venham os pedidos, mas deixem-nos respirar.

Padre Aires

BARREDO

— Continuação da 3.ª página —
dolorosas e desmanhas dos actuais ocupantes daqueles sítios, nada repugna acreditar que os homens de bem se determinem a dar preferência a esta obra dizendo baixinho para dentro de si mesmos, que também eles, uma vez postos naquelas condições, haviam de gostar que outros lhes acudissem».

Padre Manuel António

MIRANDA

— Amigos leitores, cá estou mais uma vez para vos contar algo da nossa vida.

Cá passamos mais uma quadra festiva que foi a do Natal. Nós passamo-lo assim: No dia 24 houve a tradicional bacalhuda à portuguesa em que todos nós ficamos satisfeitos. Entretanto, chegou a meia-noite. Nós e algumas famílias amigas fomos à Santa Missa a qual foi cantada. Chegando o momento mais alto, todos nós nos abeiramos da Sagrada Comunhão. A seguir à Missa houve uma cafézada e a malta foi para a cama. No dia de Natal, da parte da manhã foi passada sem nada a notar. De tarde vieram como já é costume os nossos amigos de Coimbra com uma mala cheia de coisas boas. Em seguida com a nossa sala de espectáculo cheia de gente, assistiu-se a uma peça de teatro e todos se saíram bem.

Estiveram também connosco alguns dos nossos rapazes que já saíram e vieram matar saudades e buscar forças para mais um ano de batalha. Que Deus vos ajude são os nossos votos.

E assim se passou mais um Natal de Cristo. Agora desejo a todos os leitores um Ano Novo muito próspero.

CONFERÊNCIA — Já que estou a falar do Natal, os nossos Pobres também têm direito a que se diga alguma coisa deles.

Como os mais anos, dois dos nossos confrades foram pedir às padarias, aos armazéns e lugares, todos corresponderam ao nosso apelo e desta maneira pudemos fazer os nossos Pobres um pouco mais felizes.

Começou o inverno ou seja a afli-

Notícias da Conferência — DA NOSSA ALDEIA

A CONSOADA: Dois dias antes da Grande Noite fomos, no Morris, pelos embrulhos ao Pedrinho da Costeira. Eramos quatro vicentinos. Ora nós poderíamos fazer consoante o mundo faz — um budo. Mas prático. E espectacular. O mundo gosta de ver os pobres em linha. Como se engana! O budo é anti-cristão. É uma caricatura da Caridade. Por isso nós vamos, todos os anos, em silêncio, escondidos no carro, de lar em lar. E nunca o Morris vale tanto como naquela maré.

Cada embrulho valia um bacalhau, um litro de azeite, cinco quilos de batatas e uma grande regueifa tão boa, tão fresquinha, a saltar do forno, que até apetecia dar-lhe uma trinca-dela. Tanto assim que houve de recomendar aos Pobres um sacrificiozinho — guardá-la só para a Grande Noite. Não sei se resistiram.

Júlio Mendes

SETUBAL

— Continuação da 2.ª página —

e Gorgalolino da Silva; dum padre que deu uns sapatos, cem; da Junta da Freguesia da Anunciada, 350\$; duma casa de bordados, 650\$; no setubalense, 150\$; do Grémio dos industriais do arroz, 500\$; da Tijocal com B. F., cem. A mim 50\$ duma senhora em Setúbal. Mais com B. F., 50\$; da Andorinha, cem; «Para a ceia do Natal» a pedir uma oração, quinhentos; da Quinta do Anjo, camisolas, vinho, azeite e esmolas várias; dum anónimo ao Senhor Quaresma cem, ao mesmo e do mesmo, conservas, roupas, calçado, e bolos, castanhas, etc.; dum setubalense residente em Lisboa, duzentos por duas vezes; visitantes, 20; a um vendedor, 40\$. Da Beira um cheque de 150\$; «dum miserável pecador», trezentos.

Ainda não veio o Ano Novo; quando ele chegar trar-nos-á ainda outros mimos. Por tudo bendigo o Senhor que louvo nos meus rapazes!

Padre Acílio

PELAS CASAS DO GAIATO



ção do Pobre e por isso nós já não nos admiramos que eles todos os domingos nos peçam roupa, mas em maior número, cobertores. Como os nossos fundos não chegam para tudo isto, aqui deixo um pedido a todos os que tiverem roupas de homem e mulher e cobertores, é mandar para a Conferência de Miranda. Aos que vão mandar, muito e muito obrigado.

João Martelo

TOJAL

O trabalho ocupa-nos as mãos do nascer ao pôr do sol, e não dá lugar a folgas deprimentes. Mal chega a noite, todos sentem a necessidade de repouso. E a quinta coberta de trevas, fica envolta em silêncio, que apenas o cão perturba.

Ora neste ambiente de trabalho a existência nem sempre decorre suavemente. Por vezes, surgem grandes alegrias, satisfações e também graves problemas, aflições e desânimos aparentes dos nossos.

Não temos isto... Aconteceu aqui... E logo as dores e perturbações. Aviva-se a vontade, intensifica-se a confiança n'Ele e estimulam-se os rapazes a corresponder para afugentar a aflição. Assim vivemos e viveremos sempre dentro dos nossos muros.

— O nosso time de futebol tem mostrado nos muitos jogos que temos efectuado excelente exibição manifestando invulgar categoria. Os árbitros é que nos têm engolido. Parece não gostar que saíamos, dos duels, vencedores. Contudo, não desanimamos insistindo sempre quer vençamos quer perçamos.

— No passado 27/11/58, festejamos no meio do regozijo e desvelo de todos, o dia natalício do nosso Padre José Maria. Demos-lhe tudo o que um filho pode e deve dar a um pai, e ele deu-nos o que um pai pode dar a seus filhos.

CONFERÊNCIA — É desconsolador contar notícias tristes.

O Natal dos nossos Pobres foi fraco. Não tínhamos nada para o fortalecer. Demos do que não possuíamos até então confados de que viria. Chegou já eles o tinham, mas veio. Muitos nem isso fizeram. Esqueceram-se ou já estavam fartos de dar. A despesa ficou só em 225\$00. É uma migalha para dezasseis deles.

Oportunos 20\$ de Fernanda Morais, como é frequente e mais 50, não sei donde; 100\$ de M. Pardal; 20\$ do Sr. Tiago; mais duas de vinte respectivamente de viúva Martinho e de José Domingos. Todos estes, vizinhos nossos. Para terminar um garrafão de azeite do nosso grande amigo Senhor Rodrigues.

Zé do Porto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA — No dia 21 fizemos a nossa e vossa distribuição habitual da boda natalícia. Demos-lhes 4 dias antes, pois é sempre agradável e mesmo conveniente, que todos os pobres e confrades estejam presentes.

É sempre um dia em cheio. É um dos nossos dias mais felizes do ano.

Quando cheguei ao fim do dia, um pouco cansado e quando dei fé que realmente o estava, fiquei realmente radiante de alegria e os meus companheiros concertava também o sentiram, pois tinha sido um dia totalmente dado a Cristo figurado nos nossos irmãos pobres.

Estávamos a distribuir o que ainda não tínhamos, o merceiro é que estava a dar. A caixa da Conferência estava quase sem nada, mas dissemos uns para os outros: Vamos fazer como os mais anos ou ainda melhor, porque o dinheiro há-de aparecer.

A Senhora dizia: «este ano

está mau. Vocês no ano passado, por esta altura já tinham o meu quarto cheio de donativos». Sim, porque o quarto desta, é o nosso armazém pelo Natal, porque de resto o nosso armazém é na casa dos pobres. Nós só lhe dizíamos: Você vai ver como vamos servir todos os nossos pobres. E assim foi. Começamos a dar e os donativos a chegar.

A distribuição ia começar. A biblioteca estava repleta dos nossos irmãos pobres. A sala de jogos, que é do lado oposto, estava repleta dos donativos, para cada uma das famílias.

Começamos a distribuição a cada um dos pobres, fomos dando o que até então não havia.

Estávamos quase, o que se diz falir de roupa, quando nos apareceu à porta um senhor de Matosinhos e uma anónima do Porto com uns bons embrulhos da dita falta.

Imaginem a nossa alegria e de alguns dos nossos pobres, pois só aqueles que tinham crianças é que não se alegraram, tanto quanto nós desejaríamos. Pois caros leitores as nossas crianças até aos 7 anos, ficaram à espera da vinda do Menino Jesus, pois para estes não houve grande coisa, para não dizer, que só vestimos duas até esta idade e temos ainda tantas para vestir!

Não se esqueçam pois das nossas crianças. A festa do Natal passa mas o Menino Jesus continua à espera que o visitem.

Parece-me que toda a gente diz que o inverno vai rigoroso, e que dirão estas pobres crianças!!

Não os demoro mais caros leitores. Tinha muito para dizer, mas digó para a próxima. Agora apenas pedia que não se esquecessem mais uma vez das crianças do Barredo.

Fernando Dias

BEIRE

Caros leitores: Resolvi escrever para o nosso jornal para vos dizer que passei do Porto para esta Casa do Gaiato de Beire. Sou o cozinheiro e sabem quanto custa este officio?

Esta era a casa que Pai Américo destinava para descansar o resto dos seus dias com os nossos doentes do Calvário. Por isso lhe quero muito.

Já cá temos 5 doentes e alguns tão mal que é preciso estar dia e noite à sua beira. Fazer-lhes o caldo de galinha e meter-lho na boca. Assim é a Snr.ª Maria José e o Snr. António Lobato doentes das pernas, que fez hoje anos.

— O Bolacha rasgou as calças de cima para baixo. Não há para mudar, traz as pernas ao léu.

E é assim a vida de uma casa a começar, enquanto os senhores não derem fé dela e destes gaiatos e doentes aqui vivos.

Lembra-vos das minhas aflições, que sou o cozinheiro desta malta doente. O Calvário é em Beire — Paredes.

António Henriques (Sediolos)